

Entre democracia e ditadura: o poder argumentativo da língua no discurso político de Fernando Haddad

Briane Schmitt

Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Brasil
brianeletras@gmail.com

Ernani Cesar de Freitas

Docente da Universidade Feevale e da Universidade de Passo Fundo (UPF), Brasil
ecesar@upf.br

Resumo: Neste estudo, a língua é vista como materialidade capaz de fornecer subsídios para a construção da argumentação do discurso. Esse trabalho justifica-se por colocar à prova a capacidade argumentativa da língua por si. O objetivo desta pesquisa é analisar a argumentação que se estabelece exclusivamente por meio da língua no discurso político de Fernando Haddad, candidato à presidência do Brasil em 2018. Este estudo tem como pressupostos teóricos as noções sobre semântica argumentativa de Carel (2002, 2005) e Ducrot (1988, 2005), além de uma contextualização histórica sobre a Retórica de Aristóteles (2015). O *corpus* é composto pela manchete do jornal *El País*, de 14 de outubro de 2018, a qual apresenta a fala do candidato Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores). A pesquisa é exploratória, bibliográfica e qualitativa. A constatação deste trabalho é a de que a língua, por si só, é capaz de estabelecer as relações necessárias na construção argumentativa.

Palavras-chave: Argumentação. Blocos semânticos. Democracia. Ditadura.

Abstract: In this study, the language is seen as materiality capable of providing subsidies for the construction of discourse argumentation. This work is justified by testing the argumentative capacity of language itself. The objective of this research is to analyze the argument that is established exclusively through language in the political discourse of Fernando Haddad, candidate for the presidency of Brazil in 2018. This study has as theoretical assumptions the notions about argumentative semantics from Carel (2002, 2005) and Ducrot (1988, 2005), as well as a historical contextualization of Aristotle's Rhetoric (2015). The *corpus* is made up of the headline of the newspaper *El País*, October 14, 2018, which features the speech of the candidate Fernando Haddad (Workers' Party). The research is exploratory, bibliographic and qualitative. The conclusion of this work is that language, by itself, is capable of establishing the necessary relations in the argumentative construction.

Keywords: Argumentation. Semantic Blocks. Democracy. Dictatorship.

Introdução

A língua, quando empregada nas mais diversas trocas comunicativas em sociedade, pode ganhar o status de munção, uma vez que, quando colocada em uso por determinado sujeito, pode ser a responsável por moldar modos de ser, de pensar e de agir. A esse fenômeno, damos o nome de argumentação, um aspecto da comunicação de interesse da disciplina de Retórica, um tanto quanto explorada ainda na Grécia Antiga, principalmente pela figura proeminente de Aristóteles. O estudo da arte de persuadir e convencer o outro remonta aos primórdios da Filosofia Ocidental e, até hoje, é matéria de interesse de estudos relacionados a tal arte.

Porém, diferentemente da Retórica, na qual não só a língua era importante mas também o modo pela qual ela era colocada em prática, como, por exemplo, os gestos, os olhares, as ênfases, o nosso olhar recai exclusivamente sobre o sistema de signos que é a língua, no intuito de investigar seu poder argumentativo independentemente de fatores extralinguísticos. A partir do pressuposto que perpassa toda a teoria e estudos de Oswald Ducrot e Marion Carel, de que “A argumentação está na língua”, buscamos colocar à prova esse aspecto linguístico com base na teoria mais recente desses estudiosos, definida como a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

Portanto, a questão norteadora que mobiliza este estudo se define a partir da seguinte afirmação: a língua, sem qualquer aparato extralinguístico, é capaz de construir a argumentação no discurso político de Fernando Haddad, candidato à presidência do Brasil em 2018. É importante ressaltar que a noção de extralinguístico mobilizada nesse estudo diz respeito ao discurso sendo analisado apenas por meio da materialidade verbal, sem levar em consideração a postura do enunciador no momento de fala, seu tom de voz, sua compleição corporal ou gestos, em suma, apenas a língua é objeto de interesse nesse estudo.

Desse modo, nosso principal objetivo com essa pesquisa é analisar a argumentação que se estabelece exclusivamente por meio da língua no discurso político de Fernando Haddad, candidato à presidência do Brasil no ano de 2018. Para que esse objetivo seja alcançado, lançamos mão de um *corpus* de pesquisa que é composto pela manchete do jornal *El País*, datada do

dia 14 de outubro de 2018, a qual traz a transcrição de uma fala do candidato à Presidência da República no Brasil, Fernando Haddad (do Partido dos Trabalhadores), sobre as posições contrárias à sua candidatura.

Esta pesquisa, portanto, apresenta-se como exploratória quanto ao objetivo, uma vez que, segundo Prodanov e Cesar (2013, p. 51-52), “[...] se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar.” Já, quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, além de se caracterizar como um estudo de caso. Em relação à abordagem, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que não leva qualquer tipo de quantificação em consideração. A principal contribuição desta pesquisa é a de trazer à tona o discurso político como instrumento de persuasão nas disputas à Presidência da República. Em relação ao atual contexto político no Brasil e no mundo, é de essencial importância que os estudos do discurso voltem seu olhar para as trocas comunicativas que permeiam a esfera política e de relações de poder, uma vez que são essas relações discursivas as responsáveis, muitas vezes, por definirem o futuro de uma nação.

Assim, a investigação aqui proposta se organiza em dois momentos. Primeiramente, de modo sucinto, destacamos aspectos importantes sobre a evolução da teoria que hoje é conhecida como Teoria dos Blocos Semânticos, ou TBS, tendo como ponto de partida a Retórica de Aristóteles, esclarecendo os principais aspectos que constituem a TBS em sua forma mais recente; na sequência, realizamos a análise do *corpus* de pesquisa em questão, tendo como base teórica os apontamentos construídos anteriormente.

1. Da argumentação na língua

A língua é detentora de um poder único. Com ela somos capazes de construir os mais variados sentidos e expressar nossas vontades, medos, desejos, enfim, por meio dela é que nos constituímos como seres humanos e nos revelamos aos outros, ao mundo e a nós mesmos. Entre as capacidades que a língua possui, a persuasão pode ser considerada uma das mais importantes, uma vez que vivemos em sociedade e que essa nossa característica pressupõe determinados jogos de poder entre os sujeitos. É

possível afirmar, portanto, que saber argumentar a seu favor pode facilitar alguns processos no cotidiano da vida em sociedade.

Assim, nesta seção, apresentamos uma breve contextualização histórica sobre as fases da teoria defendida por Ducrot (1988, 2005) e, posteriormente, Carel (2002, 2005). Em seguida, faz-se o esclarecimento de algumas categorias teóricas que compõe a Teoria dos Blocos Semânticos para posterior análise.

De fato, o persuadir constitui um objeto de interesse desde a Grécia Antiga. Sócrates, Platão e Aristóteles foram os responsáveis por investigar, num primeiro momento, os aspectos relacionados à arte de persuadir. Porém, tendo como base as considerações de Aristóteles sobre a Retórica, nome dado à disciplina cujo escopo incorporava justamente a argumentação e a persuasão, “A retórica foi sempre uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso; isto é, mais preocupada com a função retórica do que com a configuração do próprio texto.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 13). Logo, é preciso levar em consideração que a preocupação da Retórica não se situava na língua, no sistema linguístico manipulado pelo orador na argumentação, mas mantinha-se focada no modo como esse orador era capaz de convencer seu público por meio de ênfases, gestos, tons de voz e outros fatores que não dizem respeito à língua.

Assim, a Retórica de Aristóteles (2015) apresenta três modos artísticos de persuasão, sendo o primeiro o que se relaciona ao caráter do orador, o segundo o que deriva da emoção despertada pelo orador nos ouvintes e o terceiro, o uso de argumentos verdadeiros ou prováveis. Podemos aferir, por meio dessas breves considerações, que “A retórica é uma técnica que prescinde de procedimentos intelectuais e afetivos, dependendo muito mais do sujeito, da interlocução, do que, como quer Ducrot, da língua” (FREITAS, 2007, p. 80). É, então, a partir de 1983 que Ducrot e Ascombre, com a publicação de sua obra, passam a defender uma argumentação que não tem como base a Retórica clássica, uma vez que essa argumentação apresenta-se “[...] inscrita na língua, já ‘disponível’ e prevista no próprio sistema linguístico” (FREITAS, 2007, p. 80). Assim nasce a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), que se apresenta dentro do escopo da Semântica Argumentativa.

Tal teoria tem como base a pressuposição de que o sentido de uma entidade linguística se constrói justamente a partir dos encadeamentos discursivos. Dessa maneira, “[...] as argumentações são de dois tipos: normativas [...] ou transgressivas [...]; uma entidade linguística evoca argumentações externas e internas.” (FREITAS, 2007, p. 105). É importante lembrar que, na Teoria da Argumentação na Língua, o movimento que se faz de um segmento para outro é determinado não pela língua, mas pelo seu exterior. Assim, nessa fase da teoria “[...] o que garante a passagem de um argumento A uma conclusão C é um topos (A donc C).” (FREITAS, 2007, p. 103). Foi justamente a partir desse aspecto que a TAL tomou novos rumos e acabou transformando-se no que, hoje, conhecemos por Teoria dos Blocos Semânticos, uma fase de estudos diferente daquela em que a noção de topos era considerada válida.

Muitos dos aspectos estudados na primeira fase do trabalho de Ducrot permanecem fazendo parte dos procedimentos desenvolvidos em análises da TBS. Porém, a grande transformação da teoria deu-se justamente na instituição do sentido, que antes dava-se pela passagem de um segmento a outro e, hoje, na TBS, encontra sua concretização a partir da interdependência semântica; ou seja, o sentido só está completo e pode ser apreendido quando levamos em consideração todo o encadeamento argumentativo.

Em suma, “A argumentação não se agrega ao sentido, mas o constitui por interdependência semântica entre dois predicados.” (GOMES, 2017, p. 89). Dito isso, partimos agora para a explanação mais detalhada dos aspectos essenciais para o desenvolvimento da análise aqui proposta, tendo como base a última fase dos estudos da argumentação na língua, a Teoria dos Blocos Semânticos, desenvolvida por Ducrot (1988, 2005) e Carel (2002, 2005). É importante ressaltar, justamente por se tratar de uma proposta de análise, que precisamos definir nosso objeto de estudo, e isso requer também realizar uma explicação sobre a realidade que aqui tomamos como analisável. Segundo Freitas (2007), a frase constitui o material linguístico, enquanto o enunciado é constituído pelas múltiplas manifestações ou realizações a que a frase dá lugar, definindo-se, portanto, como o produto linguístico. Dessa maneira, para este trabalho, a perspectiva adotada é a de que mobilizamos enunciados, em um aqui e agora específicos, que definem, então, seu lugar e tempo, como produtos linguísticos.

Anteriormente, construímos um breve percurso explicativo sobre o desenvolvimento dos estudos dentro do escopo da Semântica Argumentativa até chegarmos ao estado atual das considerações em torno da argumentação na língua, a Teoria dos Blocos Semânticos. Temos então que, para a TBS, “[...] o sentido de uma expressão qualquer, seja ela uma palavra ou um enunciado, está constituído pelos discursos que essa expressão evoca, os encadeamentos argumentativos.” (DUCROT, 2005, p. 29). Esses encadeamentos argumentativos são inseparáveis, uma vez que o sentido de um enunciado argumentativo só é possível de ser apreendido se todos os seus segmentos, bem como seus conectores, forem levados em consideração. Dessa maneira, conforme Carel (2002), do início ao fim de um encadeamento argumentativo não há qualquer progresso de informação. De modo sucinto, o encadeamento argumentativo, portanto, é “qualquer discurso sintaticamente analisável em duas frases que, de um ponto de vista semântico, são interdependentes e exprimem finalmente, ambas, uma única coisa.” (CAREL, 2002, p. 29).

Dito isso, é preciso ter em mente que há duas possibilidades quanto aos encadeamentos entre dois segmentos, pois segundo Carel (2002), eles podem ser tanto normativos quanto transgressivos. Dizer que um encadeamento é normativo significa postular que a argumentação dá-se em *portanto* (na teoria de origem francesa temos o uso da palavra DONC, ou a sigla DC, que será a maneira utilizada no momento da análise). Já o encadeamento dito transgressivo significa dizer que a argumentação dá-se em *no entanto* (POURTANT no francês, ou na forma de sigla PT, utilizada na análise). Logo, “A TBS busca explicar as regras da linguagem ordinária a partir do emprego dos conectores DC e PT” (GOMES, 2017, p. 100).

De forma independente, sendo o encadeamento normativo ou transgressivo, a ligação ou argumentação entre os enunciados pode ser tanto interna quanto externa. A argumentação externa (AE), que constitui o primeiro aspecto a ser deferido em uma análise que se utilize da TBS, “[...] se refere a encadeamentos argumentativos que chegam até a entidade ou que partem dela” (GOMES, 2017, p. 109-110) e que contém a entidade como um dos segmentos, sendo conectada a um outro segmento que tenha a função de completar seu sentido. Já a argumentação interna (AI) consiste em uma paráfrase da entidade linguística e possui duas “[...] características principais: [1] os encadeamentos que formam parte da AI da entidade não contêm a

entidade. [...] [2] não se encontram em AI dois aspectos conversos, já que a relação de conversão diz respeito a AE.” (GOMES, 2017, p. 112).

Para definir um segmento de análise, após deferidas e analisadas a argumentação interna e externa de um enunciado, poderemos obter o que chamamos, na TBS, de bloco semântico, que se constitui como “[...] uma entidade semântica, unitária e indecomponível, expressa nos encadeamentos argumentativos” (GOMES, 2017, p. 98). Cada bloco semântico é composto por um quadrado argumentativo que, segundo Gomes (2017), possui relações discursivas. Essas relações discursivas, de acordo com Ducrot (2005), podem ser de três tipos: transposta, recíproca e conversa.

Na sequência, o *corpus* de análise deste trabalho será destacado para que possamos, com base nos aspectos da Teoria dos Blocos Semânticos, identificar a argumentação procedente da língua enquanto sistema de signos. Em um primeiro momento, realizaremos a análise da argumentação externa a partir da entidade linguística dada pelo *corpus*. Na sequência, parafraseando a entidade da argumentação externa escolhida e adotada como ponto de vista do enunciador, analisaremos a argumentação interna. A partir dessa última, formaremos então dois blocos que recebem o nome de quadrados argumentativos e que serão os responsáveis pela formação do bloco semântico.

2. Argumentação à prova

Com o objetivo de analisar a argumentação que se estabelece exclusivamente por meio da língua no discurso político de Fernando Haddad, candidato à presidência do Brasil no ano de 2018, destacamos o *corpus* de pesquisa desta análise, uma manchete do jornal *El País*, de 14 de outubro de 2018, que apresenta a fala do candidato à presidência do Brasil na eleição de 2018, Fernando Haddad, como podemos observar na Figura 1. É importante esclarecer que a escolha desse *corpus* se deve ao fato dele tratar, justamente, de polos opostos na política, esquerda e direita, que frequentemente encontram-se representados pelos regimes de democracia e ditadura, tema recorrente no atual cenário político do Brasil, em especial no momento da publicação da manchete.

Figura 1 – Manchete *El País*

Fonte: <http://www.brasil.elpais.com>

Em vista do objetivo proposto nesta análise, e embora destacado em sua íntegra com as imagens e informações adicionais à manchete em questão, o *corpus* que é agora analisado se resume à materialidade linguística, ou seja, ao enunciado correspondente à manchete. Assim, para iniciarmos as considerações é preciso lembrar que “Nem toda interpretação é possível, pois as palavras da língua possuem um conteúdo semântico definido. A palavra utilizada fornece uma orientação argumentativa e o alocutário a percebe no enunciado” (FREITAS, 2007, p. 100-101). Dessa maneira, é preciso tomar como verdade o fato de que todas as palavras fazem parte de determinados universos semânticos e que essa espécie de classificação é o que nos permite fazer suposições de argumentos. Portanto, segue o Enunciado 1, materialidade linguística do *corpus*.

Enunciado 1: “Me estranha que quem lutou pela democracia fique neutro diante de alguém que apoia a ditadura”.

Como explicado anteriormente, o encadeamento argumentativo de um enunciado pode se apresentar de duas formas, a partir de um conector normativo ou transgressivo, porém é válido lembrar que “Nem sempre os marcadores do normativo e do transgressivo estarão explícitos” (GOMES, 2017, p. 93). O *corpus* de análise em questão é justamente um exemplo desse caso, pois temos um encadeamento transgressivo em funcionamento na construção do sentido, porém esse não é marcado explicitamente em uma forma linguística. Vale lembrar que o início do enunciado chama a atenção a partir da expressão “Me estranha”, que sugere uma possível transgressão, mas nada fica de fato comprovado. Esse é também objeto de nosso interesse: mostrar, a partir da construção do bloco semântico, que a própria argumentação desse enunciado justifica o uso da expressão “Me estranha” pelo enunciador no início de sua fala, uma vez que “Elos transgressivos podem, assim, ser efetuados sem conector” (CAREL, 2002, p. 41).

Dessa maneira, construímos agora a argumentação externa do enunciado em questão, de modo a especificar 4 aspectos argumentativos, tanto em DC (normativo) como em PT (transgressivo), como pode ser observado na sequência.

- A – Lutar pela democracia **DC** Ficar neutro diante da ditadura
- B – Lutar pela democracia **PT** Ficar neutro diante da ditadura
- C – Lutar pela democracia **DC** não ficar neutro diante da ditadura
- D – Lutar pela democracia **PT** não ficar neutro diante da ditadura

Temos, então, 4 aspectos argumentativos, que são possibilidades discursivas, e que formam o que chamamos de argumentação externa ao enunciado. É importante lembrar que, segundo Carel (2002), o conector utilizado no enunciado não liga duas informações separáveis, duas ideias distintas, mas antes marca a dependência semântica dos segmentos que ele liga. Assim, o sentido do enunciado só poderá ser apreendido em sua totalidade uma vez que se leve em consideração os dois segmentos ligados pelo conector. A partir dessas quatro possibilidades discursivas apresentadas na argumentação externa ao enunciado, é necessário que escolhamos um desses aspectos para compor o ponto de vista adotado pelo enunciador.

Logo, o aspecto B (Lutar pela democracia **PT** Ficar neutro diante da ditadura) é aquele que condiz com a argumentação apresentada no enunciado.

Notamos que esse aspecto escolhido como ponto de vista do enunciador apresenta uma argumentação em *pourtant*, ou seja, transgressiva. De acordo com Carel (2002), a função argumentativa em evidência é a formulação de encadeamentos transgressivos, já que é justamente nesses encadeamentos em *pourtant* que a argumentação fica mais evidente. Nesse momento, para que possamos nos ater à argumentação interna do enunciado, tomamos como ponto de apoio o ponto de vista adotado pelo enunciador, o aspecto B para, a partir dele, criarmos uma paráfrase. Tal paráfrase é, então, definida desse modo:

Ser a favor da liberdade **PT** Estagnar diante do controle

Com vistas a esse novo encadeamento, resultado da paráfrase da argumentação externa, construímos agora o quadrado argumentativo, uma vez que “Sabemos que com dois segmentos A e B se pode construir quatro aspectos pertencentes ao mesmo bloco. Esses quatro aspectos constituem um quadrado argumentativo.” (DUCROT, 2005, p. 45). É importante ressaltar que A e B aqui podem ser lidos como X e Y, para evitar possíveis confusões entre as noções de segmentos e aspectos argumentativos. Assim, segue o primeiro quadrado argumentativo, que tem o seguinte modelo:

E - X **DC** Y

F - X **PT** NEG-Y

G - NEG-X **PT** Y

H - NEG-X **DC** NEG-Y

E – Ser a favor da liberdade **DC** Estagnar diante do controle

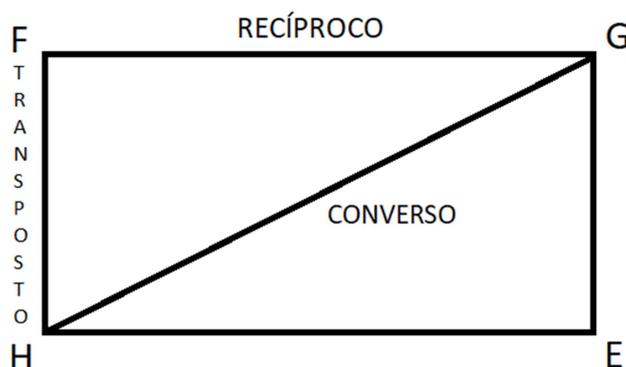
F – Ser a favor da liberdade **PT** não estagnar diante do controle

G – Não ser a favor da liberdade **PT** Estagnar diante do controle

H – Não ser a favor da liberdade **DC** não estagnar diante do controle

Tal quadrado argumentativo, que forma, então, o Bloco Semântico 1 (BS1), pode ser ilustrado como consta na Figura 2:

Figura 2 – Bloco Semântico 1



Fonte: elaborado pelos pesquisadores

A Figura 2 demonstra as relações entre os aspectos argumentativos que podem ser de três tipos, transposta, recíproca e conversa. Analisando os aspectos argumentativos que dão forma ao Bloco Semântico 1, percebemos que, dentro das possibilidades semânticas que as palavras do enunciado podem evocar, nenhuma das quatro possibilidades apresenta uma argumentação que possa ser “verdadeira”, ainda que todas as quatro representem possíveis relações discursivas.

Porém, nossa análise não se delimita apenas a esses quatro aspectos argumentativos apresentados anteriormente, sendo que “A partir de A e B (aqui lê-se X e Y) se podem constituir oito conjuntos de encadeamentos que chamamos de aspectos argumentativos. Esses oito aspectos, teoricamente possíveis através de X e Y, podem agrupar-se em dois blocos de quatro aspectos cada um.” (DUCROT, 2005, p. 31). Desse modo, construiremos agora o Bloco Semântico 2, o qual se configura a partir do seguinte modelo:

I - X **DC** NEG-Y

J - X **PT** Y

K - NEG-X **DC** Y

L - NEG-X **PT** NEG-Y

I – Ser a favor da liberdade **DC** não estagnar diante do controle

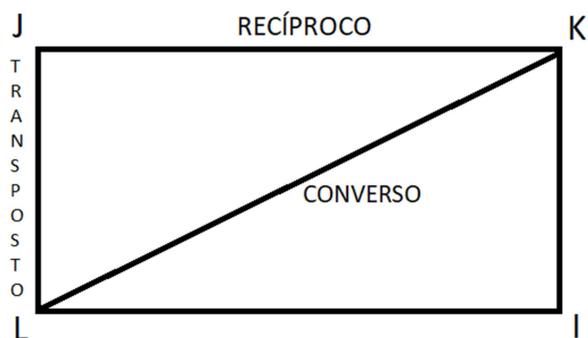
J – Ser a favor da liberdade **PT** Estagnar diante do controle

K – Não ser a favor da liberdade **DC** Estagnar diante do controle

L – Não ser a favor da liberdade **PT** não estagnar diante do controle

Esse outro quadrado argumentativo, portanto, forma o Bloco Semântico 2, que também pode ser ilustrado pela imagem que segue, que demonstra os três tipos de relações existentes entre os aspectos argumentativos.

Figura 3 – Bloco Semântico 2



Fonte: elaborado pelos pesquisadores

Dessa maneira, a partir da análise aqui realizada, compreendemos que, segundo Ducrot (2005), os quadrados argumentativos são correspondentes aos blocos semânticos. Nesses outros aspectos argumentativos anteriormente discriminados, diferentemente do primeiro bloco semântico, percebemos que há possibilidades argumentativas com real sentido semântico. Se notarmos o aspecto K (Não ser a favor da liberdade DC Estagnar diante do controle) podemos afirmar que esse aspecto seria o que mais semanticamente faria sentido dentro do universo semântico aqui analisado. Porém, o que constatamos é que o aspecto J (Ser a favor da liberdade PT

Estagnar diante do controle) é justamente a argumentação por transgressão utilizada pelo enunciador. Logo, sua argumentação está inteiramente pautada no aspecto transgressivo *pourtant*.

Se lembrarmos o Enunciado 1 (Me estranha que quem lutou pela democracia fique neutro diante de alguém que apoia a ditadura), referente à manchete do jornal *El País*, *corpus* dessa análise, e compararmos esse enunciado “original” com a conclusão da análise dos blocos semânticos, podemos confirmar uma justificativa do uso da expressão “me estranha” pelo enunciador. É estranho ao enunciador o fato de alguém lutar pela democracia e, ao mesmo tempo, ficar neutro diante de alguém que apoia a ditadura porque o sentido desse encadeamento argumentativo é, necessariamente, transgressivo, levando em consideração o universo semântico evocado pelas palavras do enunciado, ainda que esse encadeamento transgressivo não seja explicitado por um conector.

Diante disso, a análise do *corpus* desta pesquisa permitiu-nos perceber a maneira como a argumentação se constrói nos discursos e como ela pode aparecer fortemente marcada pela própria escolha de palavras por parte do enunciador. Essas palavras possuem o poder de evocar determinados universos semânticos que, quando postos em relação um ao outro, constroem a argumentação daquele enunciado, mesmo sem o auxílio de palavras que apresentam, essencialmente, uma origem argumentativa.

Considerações finais

Este estudo teve como principal discussão a noção da argumentação presente na própria língua, enquanto sistema de signos, sem levar em consideração quaisquer outros suportes argumentativos extralinguísticos. Dessa maneira, nosso objetivo era analisar a argumentação que se estabelece exclusivamente por meio da língua no discurso político de Fernando Haddad, candidato à presidência do Brasil no ano de 2018. Para que isso pudesse ser posto à prova, lançamos mão de um recorte de *corpus* que era composto pela manchete do jornal espanhol *El País*, de 14 de outubro de 2018, cujo conteúdo era a fala do candidato à presidência do Brasil Fernando Haddad sobre a oposição entre democracia e ditadura.

No desenvolvimento da análise e construção dos dois blocos semânticos, pudemos deferir os oito aspectos argumentativo-discursivos possíveis, de modo que observamos, no segundo bloco semântico que, apesar de existir uma outra possibilidade discursiva que poderia ter servido como ponto de vista adotado pelo enunciador, esse preferiu construir sua argumentação a partir do aspecto transgressivo, mesmo que seu enunciado não explicita qualquer conector dessa natureza. O que chama a atenção e ajuda a corroborar a máxima da teoria estudada, de que “A argumentação está na língua”, é que a ausência do conector transgressivo no enunciado estudado não impediu que constatássemos, de fato, uma argumentação transgressiva. E mais, a expressão “me estranha”, utilizada no início do enunciado, é justificada por meio da constatação de que a argumentação é, de fato, marcada pelo conector (não explícito) *pourtant*.

Essa pesquisa trouxe a possibilidade de analisarmos as noções estabelecidas pela Teoria dos Blocos Semânticos de forma prática, a partir de enunciados que circulam em nosso meio social e que, em tempos atuais e turbulentos, foram responsáveis pelas mais diversas formas de manifestação de opinião. A língua, enquanto patrimônio de uma sociedade, é capaz de revelar todo seu poder (argumentativo, como pudemos analisar) enquanto, de forma concomitante, revela também os processos de significação pelos quais os sujeitos sociais inscrevem-se no mundo. De fato, a argumentação vive na língua e transborda nos sujeitos que dela se utilizam para viver.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

CAREL, Marion. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v.37, n.3, p. 27-43, set. 2002.

CAREL, Marion. **La Semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. Teoría de la argumentación. Segunda Conferencia. In: _____. **Polifonia y Argumentacion**: Conferencias del seminario Teoría de La Argumentación y Analisis del Discurso. Universidad Del Valle, Cali, Colômbia, 1988. p. 65-80.

DUCROT, Oswald. Los bloques semânticos y el cuadrado argumentativo. *In*: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semânticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005, p. 27-50.

FREITAS, Ernani Cesar de. **Semântica argumentativa: a construção do sentido no discurso**. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.

GOMES, Lauro. Argumentação na Língua: de Saussure à Teoria dos Blocos Semânticos. *In*: _____. **Como avaliar a semântica do texto?** Uma proposta para avaliação de redações orientadas pelas Semântica Argumentativa. São Carlos: Pedro & João Editores. 2017.

MANCHETE. **El País**, Madrid, 14 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/14/politica/1539475045_794656.html. Acesso em: 12 dez. 2018.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

Forma de citação sugerida

SCHMITT, Briane; FREITAS, Ernani Cesar de. Entre democracia e ditadura: o poder argumentativo da língua no discurso político de Fernando Haddad. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 1, p. 103-117, 2020. DOI 10.17648/eidea-20-v1-2402.